



Papéis sociais na contemporaneidade: casos de alunos e professores¹

Lylian Rodrigues²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo

O presente artigo pretende discutir sobre os papéis exercidos pelos alunos e os papéis exercidos pelos professores. Se antes, o conhecimento e as atividades concentravam-se nos professores, hoje percebemos por meio da mídia a possibilidade do aluno centralizar as atividades, interações e mesmo conhecimento no seu papel, sendo que há negociações e recusas partindo do papel do professor. Neste movimento de papéis, surge um conceito que nos permite refletir então sobre a autoridade pedagógica e reprodução escolar desta autoridade que é o habitus. Nos professores, é possível perceber a reassimilação e com isso a instabilidade dos papéis sociais, sendo esse fator apontado pelo professor Braga como o processo da mediação da sociedade.

Palavras-chave

Mediação; Papéis; Reprodução; Habitus

1.1. Introdução

Durante uma pesquisa sobre a circulação midiática no espaço da escola foi possível perceber, no movimento de circulação, a atuação dos sujeitos nas salas de aula. Chamou a atenção o papel do aluno e o papel do professor, na medida em que a escola configura o espaço onde os alunos vão aprender com os professores e o movimento inverso também era observável. Nos dias contemporâneos, falar sobre o aluno tendo conhecimentos ainda não descobertos por professores pode parecer absolutamente comum, pois os estudantes recebem atualmente uma imensa carga de informação e os professores também não poderiam estar sempre acompanhando a todas as atualizações contemporâneas - talvez nenhum sujeito possa. No entanto, é neste movimento, aos olhos contemporâneos um comportamento comum que pode passar despercebida a atualização e transformação que a sociedade passa.

É discutida uma transição ou uma nova organização social derivada das novas tecnologias de informação. E torna-se, então, imprescindível observar na organização

¹ Trabalho apresentado no VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação de Comunicação Educativa.

² Mestre pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. ly_carol@yahoo.com.br



social, os indivíduos e quaisquer atualizações que possam aparecer quando olhado no passado o papel exercido.

Buscamos no texto de Bourdieu (1975) sobre o espaço pedagógico e a ação pedagógica perceber o papel deste professor e deste aluno. Destacamos, no entanto, que várias poderiam ser as possibilidades de comparações ou atualizações. Porém, o texto nos pareceu rico para melhor destacar as atualizações pelo esforço do autor em demonstrar a violência simbólica que permite a escola manter a segregação de classes.

Não entraremos em discussão de classes ou distinções porque focaremos na atuação dos professores e dos alunos, ainda que um outro conceito de Bourdieu surja para atender as disposições dos professores, que é o conceito de habitus que torna-se explicativo quando o próprio Bourdieu fala em reprodução e o conceito de habitus mais do que acomodativo mostra-se como de reassimilação. E com a reassimilação, entramos na compreensão de novas assimilações sociais a partir das tecnologias e com isso uma organização social que vem se diferenciando daquela oral ou literária. E isso pode ser melhor observado quando no espaço da escola, que ainda possui uma cultura forte do letramento e da oralidade pelo processo pedagógico. E com as atualizações tecnológicas, vem “conversando” com o espaço comunicacional para então encontrar ponte e não muros.

1.2. Coletas de dispositivos da mídia em sala de aula

Em seis escolas, passamos uma semana nas salas de aula de 8º série. Os alunos desta turma estão na idade em que menos estão passíveis de programas censurados pela idade e não estarão no ensino médio que prevê as atividades com a mídia em sala de aula por causa do vestibular, que inclui estar atualizado com as notícias dos meios de comunicação. Observamos as atividades com jornais em sala de aula, vídeo, rádio, internet envolvendo apropriação por parte do aluno ou do professor, sendo apropriação do suporte tecnológico, da linguagem ou nas conversas. Entenderemos que conteúdo ou suporte tecnológico da mídia, configurado na escola seja como linguagem, interações ou enquanto suporte tecnológico, serão tratados como dispositivos da mídia.



Os alunos conversam bastante sobre os dólares encontrados, cada vez mais, em maior quantidade, em malas, em contas, em cuecas, etc. A palavra “dólares” é tomada pelos alunos como termo identificador de ladrão, corrupção. Se, algum dia, ter falado em dólares pudesse significar riqueza, ou Estados Unidos, hoje, para esses alunos, falar em dólares é o mesmo que falar em corrupção.

Durante uma aula de uma professora de geografia, era explicado o conteúdo sobre o Brasil Império. Ela fez referência ao sistema educativo exercido naquele período, também falando sobre o sistema educativo do Brasil, atualmente. Neste momento, um aluno imediatamente fez uma piada sobre o Lula e as cuecas de dólares, e a professora então mudou o assunto da aula para conversar sobre a CPI.

Para dar conta de um tópico da disciplina, uma professora de ciências resolveu que o tema reciclagem seria tratado a partir de um vídeo, já gravado, do programa Globo Repórter. Então, a professora mostrou a reportagem. Após apresentada a reportagem do Globo Repórter, para “enxergarem com mais clareza a realidade da reciclagem porque o vídeo vai usar de recursos que a sala de aula ou o livro não alcançam”, a professora de ciências, a diretora e os alunos discutiram o assunto. Nas discussões, os alunos resolveram realizar uma campanha de reciclagem na escola. Mais que isso: o lixo coletado seria vendido e, com o dinheiro arrecadado, a direção escolar compraria uma nova cerca de arame para a escola. Os alunos, sob a orientação da educadora e da diretora, começaram a campanha de reciclagem.

Existe uma interação com outra professora de ciências por meio de conversas com um resumo de notícias de ciências e tecnologia. Os estudantes devem assistir aos telejornais para trazerem notícias sobre as novidades da ciência e da tecnologia, assim acompanhando, na opinião da professora, programas que serão mais enriquecedores para as experiências deles assim como para seus aprendizados. Para os alunos, “chato mesmo é ter de escrever, ter de fazer o resumo, mas até que ver o jornal é bom”.

A professora de religião percebe o interesse dos alunos mais voltado para as novelas e utiliza este material para interagir com eles. Foi trazida para a sala de aula uma discussão sobre o capítulo da novela “Páginas da Vida”, em que a personagem Gisele, uma adolescente de 15 anos, decidiu estar na hora de ter sua primeira relação



sexual com o namorado, o personagem Luciano. Diante da tomada de decisão, a jovem decide enfrentar a mãe e se mostrar certa do ato. A mãe, diante do pronunciamento da filha, cede. E os personagens, dois jovens de 15 e 16 anos, têm sua primeira noite de amor.

Uma professora de português conversa sobre histórias em quadrinhos e apresenta alguns formatos conhecidos dos quadrinhos. Em seguida, eles fizeram as próprias produções. Os alunos trouxeram, nas suas apropriações, o mundo real, o lugar em que eles vivem, as suas histórias e os acontecimentos em casa: o irmão que não permite a entrada no quarto ou o pai que fica aliviado depois do trabalho por não ter sofrido nenhum assalto ou não ter sido despedido. A mesma professora também fez com os alunos um jornal da sala, eles criaram as notícias da cidade e do bairro.

Em uma das escolas, existe uma jornalista voluntária que produz com uma turma o impresso da escola, o “O jornal do Gomes”. Primeiro o grupo faz a reunião de pauta, discute os assuntos a serem divulgados no jornal. Cada um participa com suas idéias, apresenta-as aos colegas e todos debatem sobre o que será e o que não será reportagem do jornal. Todas as idéias são anotadas. Após decidida a pauta final, os alunos saem em busca das matérias. A voluntária revisa, eles diagramam o jornal, em um procedimento realizado também com um outro voluntário. O jornal é enviado pela Direção para a reprodução e distribuído na escola.

Outra apropriação de um programa da televisão se deu na ocasião de um filme exibido pela Rede Globo, “Cazuza”. O filme despertou, nos alunos, dúvidas e houve uma conversa cheia de comentários sobre a vida do próprio cantor, “que levava uma vida louca, fazendo da própria vida um roteiro de cinema”. Os alunos tentavam discutir e decidir se a vida que Cazuza levava seria uma vida como eles poderiam levar, até que um disse que “não, não é uma vida com aids que quero”, não seria uma vida assim tão apreciada, mas não que não se deva apreciar o que fez o poeta, mas que a vida que ele levava, depois da conversa, ficou definida para os dois, que não seria uma vida que eles gostariam de ter. Assim como comentários sobre a modelo Ana Carolina, que morreu de anorexia, que uma defendia o desejo de ficar magra e a outra não.

Mais de mil quinhentos membros no perfil da escola Paula Soares na internet, em interação, no mês de janeiro. Os alunos se mobilizaram para fazer um perfil da



escola, no orkut. Eles interagem um com os outros, alunos e professores, conversando pelo perfil sobre os assuntos da escola, as fofocas, as matérias, os professores, etc.

Aconteceu em uma aula de Química, a entrada de integrantes da rádio comunitária do mesmo bairro da escola. Eles, no entanto, não conseguem interagir com os alunos e o professor. Os integrantes da rádio estavam ali para falar sobre o assunto e convocar os alunos para uma passeata por um melhor sistema de ensino. Os alunos e a professora não participaram do diálogo. Assim como na mesma aula, enquanto a professora de química explica as camadas de elétrons e famílias da tabela periódica, o aluno, em meio ao assunto, lembrou a referência do seriado da Família Dinossauro e gritou “Qual é a Família? A Família Dinossauro?”. A professora olhou para trás, não se apropriando do enunciado. Ela voltou-se para o quadro onde continua a escrever.

Na mesma escola, era possível observar os alunos utilizando roupas como de personagens das novelas ou da novelinha *Malhação* assim como os cortes de cabelos ou linguagem.

Em outra escola a professora de geografia roterizou uma radionovela que foi interpretada pelos alunos da escola para a Semana da Consciência Negra. Eles estimularam conversas com a professora sobre o preconceito racial.

1.3. Protagonismo

O protagonismo é observado enquanto prática do sujeito, sendo este o aluno ou o professor. O conceito como aparece no debate é a perspectiva de uma análise da ação dos indivíduos – professores e alunos – na escola, e, a partir daí, dos acordos, negociações e recusas ocorridos com o processo da relação do professor e do aluno.

Essa atualização sobre pensar os papéis avança também estudos como de Bourdieu (1975), em seu livro “A reprodução”, como apresentamos na introdução. Nele, os alunos seriam mantidos em um sistema de poder entre dominados e dominantes através de imposições pela escola por meio da autoridade pedagógica, que teria o lugar representativo de um sistema escolar que não dissocia a reprodução cultural da reprodução social. Ou ainda, a ação pedagógica escolar “reproduz a cultura dominante,



contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar do monopólio da violência simbólica legítima” (BOURDIEU, 1975, p. 21).

A importância da obra, em nossa investigação, está em assinalar um importante passo em explorar as funções escolares no que está produzindo cultural e socialmente. Uma contribuição para pensar as condições sociais, refletindo sobre a relação da autoridade pedagógica (professor) com um corpo discente ativo e construtor do próprio conhecimento e sentido de realidade, ou, no mínimo, o aluno protagonizando a relação e ainda construindo sentido ou conhecimento a partir dele mesmo e da interação com a mídia ou a partir dela.

Para Bourdieu, “o trabalho pedagógico é o processo de inculcação que deve durar o bastante para produzir uma formação durável, isto é, um *habitus* como produto da interiorização dos princípios de um arbitrário cultural capaz de perpetuar-se”. (ibidem, p. 44). Ou seja, o sistema educacional produz um *habitus* pelo trabalho pedagógico, que seria a internalização de uma realidade (padrão de comportamento, pensamento e gosto) que a escola, por meio do seu representante, o professor, incute no aluno. O *habitus*, em “La distinction”, de Bourdieu (2000), se refere a um sistema de esquemas para a elaboração de práticas concretas que partem de uma coleção do indivíduo feita ao longo das experiências, a partir das heranças culturais. Dentre essas heranças culturais, estaria a escola, reforçando o lugar de dominante ou dominado em uma estratificação social, segundo o livro “A reprodução”. Esse efeito não é genético, é social, tendendo à reprodução. Seria, então, o *habitus* o explicativo da reprodução, sem a consciência do próprio sujeito, por isso inculcação.

Essa tendência da reprodução ou auto-reprodução (reproduzir como instituição) é expressa por Bourdieu da forma que

“todo sistema escolar detém necessariamente o monopólio da produção dos agentes encarregados de reproduzi-lo, isto é, dos agentes dotados da formação durável que lhes permite exercer um Trabalho Educacional que tende a reproduzir essa mesma formação entre novos reprodutores, e envolve, por isso, uma tendência: a auto-reprodução perfeita (inércia), exercida nos limites da sua autonomia relativa (ibidem, p.66)”.



Em um caso que Bourdieu ilustra por uma citação de Durkheim (ibidem, p. 70), o aluno vai ensinar igual ao professor que lhe ensinou e isso perpetuaria uma reprodução igualitária e de dominação. Essa perspectiva fica prejudicada quando analisamos as interações concernidas nos processos midiáticos. Nessas interações, serão gerados os papéis dos interlocutores, professores e alunos. Há, aí, uma lógica interacionista e construcionista, portanto de produção, que nos permite tensionar a perspectiva de reprodução. Com a afirmação de Goffman (1998) quando trata do enquadramento (*frame analysis*), baseado em Gregory Bateson, introduzindo o conceito de *footing*, pelo qual o momento da fala também tem de ser observado a partir do lugar, do como, do quando, da postura, da posição diante do interlocutor. Afinal, o *footing* pode sofrer alteração, modificação, negociação, ou troca em meio às interações.

Com isso, quero dizer que não posso enquadrar a reprodução por um discurso autoritário exercido por um sistema escolar se não vou ao momento da fala dos alunos, do produtor primeiro e do produto quando exercendo sua função como produtor diante dos seus interlocutores. Não é possível admitir que eles produzem as mesmas falas e o mesmo discurso porque o sistema escolar detém o monopólio da preparação do corpo docente, podendo recair sobre uma reflexão estática quanto à produção de novos sentidos e apropriações dos próprios alunos. Isso poderia ser entendido como relações entre as posições, dos professores, que estão todos em um mesmo lugar social, mas se mostram em diversas disposições de *habitus*.

“A relação entre as disposições e as posições nem sempre assume a forma do ajustamento quase milagroso, e fadado por isso a passar despercebido, que se observa quando os *habitus* são o produto de estruturas estáveis, as mesmas nas quais eles se atualizam: nesse caso, sendo os agentes levados a viver num mundo que não é radicalmente distinto daquele que modelou seu *habitus* primário, a sintonia logo se estabelece entre a posição e as disposições daquele que a ocupa, entre a herança e o herdeiro, entre o cargo e seu detentor. Sobretudo por conta de transformações estruturais que suprimem ou modificam certas posições, e também da mobilidade inter ou intra-generacional, a homologia entre o espaço de posições e o espaço de disposições nunca é perfeita e sempre existem agentes numa posição em falso, deslocados, mal situados em seu lugar e também, como se diz, ‘na sua pele’”. (BOURDIEU, 2001, p. 192).

A questão é instigante, pois, em nossa pesquisa, observamos condutas diversas, portanto, diferentes *habitus* em relação aos processos midiáticos na escola por parte do



aluno ou do professor. Estariam os professores que se mostram aversão à mídia *mal situados*? Isso é mais pertinente quando observamos que os alunos, homogeneizados pelo método da entrevista, observação, descrição e integrados à rede pública de ensino, constroem de diversas formas sua realidade, com aparentes semelhanças e possíveis analogias em uma reprodução não igual, não autoritária e às vezes nem mesmo reprodução, e sim construções de conhecimento atualizadas do próprio sentido de realidade. Ou seja, a partir do estudo dos processos midiáticos na escola, pôde-se identificar que, nesta mesma posição social de docente, há disposições diferenciadas.

Em se tratando da posição do professor e de entender o porquê dessas diferenciações, não caberia à pesquisa. No entanto, interessa na medida em que estas diferenciadas disposições estão atravessadas por uma problemática comunicacional. Uma disposição em que há professores que participam da construção de dispositivos midiáticos, assim como há professores apocalípticos quanto aos meios, assim como há distinção nas disposições no território urbano, implicando uma distinção de classe (escolas em regiões mais ricas, mais pobres, médias etc.). Esta, todavia, não parece ser suficientemente explicativa das práticas comunicacionais, ainda que haja uma questão de classes envolvidas.

Nesse sentido, a distinção que observamos nos processos midiáticos merece novas reflexões relacionais. Ou seja, o problema da distinção, que leva mesmo à reprodução, é capturado para além da relação da estratificação social por classes, mas acentuando as disposições de professores e alunos relativamente à mídia, e ao *habitus*, permeado da mídia.

Talvez esteja em jogo a força de um *habitus midiático*³ na vida social e o professor, quando não se integra às lógicas de relações e interações permeadas pela mídia, pode provocar interrupção de um aprendizado que pode ser promovido por meio de um dispositivo da mídia. E quando este professor tem em si um *habitus midiático*, utilizando a mídia em seus dispositivos de saberes, ganha, aparentemente, maior carinho e diálogo com os alunos. O problema das disposições e do *habitus* pode ser percebido

³ Conceito em desenvolvimento por Jairo Ferreira.



comunicacionalmente quando, em posições idênticas, há disposições diferenciadas, com *habitus* diferenciados, que geram interações diferenciadas.

O que acontece é que o sentido da realidade pode até estar conformado com uma distribuição de capitais e significação, na medida em que o lugar social e cultural do aluno esteja sendo reafirmado sempre que interage com os sujeitos que o cercam e fortalecem a sua realidade da estrutura social. No entanto,

“o contato com a experiência de novas possibilidades introduz o auto-questionamento, abre caminho a uma dimensão reflexiva e impede o encerramento de cada comunidade historicamente dada dentro de si própria, numa familiaridade autista com os elementos da sua cultura e da sua tradição (CORREIA, s.d., p.06)”.

Assim, a mediação em um processo diverso e difuso da informação produz diferentes *habitus* em um mesmo lugar como a escola, dando aos alunos a oportunidade de produzir outros sentidos com seu imaginário e sua bagagem de crenças, inclusive as sugeridas pela própria mídia, que apresenta mundos tão diversos e diferenciados.

A mediação do espaço permite aos alunos outras formas de interação e outras formas de apropriação da linguagem, assim como, ao longo dos anos, a escola teve de lidar também com a apropriação da técnica.

Não estamos com isso também revelando uma nova camada de estudantes que se rebela a toda e qualquer produção escolar ou ao sistema de ensino, mas sim percebendo transformações no espaço que permitem atualizar a discussão de Bourdieu (1975) quando escreve sobre a escola reprodutivista, na medida em que tivemos com a pesquisa outras percepções, as de negociação com as interações ou mesmo de recriação, por parte do aluno, de suas crenças, quando nessa escola se observam os processos midiáticos e as crenças aí concernidas.

Existe a reflexão sobre o sujeito: se ele constrói, se transforma; não constrói, não transforma; só imagina. Se ele nem se importa e, interessadamente isso pode recorrer ou não à idéia de reprodução, quando se trata de alunos reproduzirem uma crença sugerida por algum professor ou uma imposição, como a violência simbólica nas reflexões de Bourdieu. Tornando-se esse sujeito um criador e não reproduzidor de uma



imposição simbólica é possível avançar nas reflexões sobre a reprodução e distinção, segundo o sujeito que toma a iniciativa e atua.

Se pensarmos no conceito de *habitus*, também de Bourdieu, podemos partir de uma relação entre acomodação e assimilação da realidade. No intermédio, a perspectiva adaptativa nos permite compreender o *habitus* para além de um recorte que acentua a acomodação, conforme podemos observar em Bourdieu.

“Os agentes sociais são dotados de *habitus*, inscritos nos corpos pelas experiências passadas: tais sistemas de esquemas de percepção, apreciação e ação permitem tanto operar atos de conhecimento prático, fundados no mapeamento e no reconhecimento de estímulos condicionais e convencionais a que os agentes estão dispostos a reagir, como também engendrar, sem posição explícita de finalidades nem cálculo racional de meios, estratégias adaptadas e incessantemente renovadas, situadas porém nos limites das restrições estruturais de que são o produto e que as definem (BOURDIEU, 2001, p. 169)”.

Uma perspectiva adaptativa na análise das interações, das relações das práticas com a linguagem e a tecnologia resulta em que não há simplesmente uma nova acomodação do sujeito à cultura tecnológica e à linguagem, mas uma reassimilação desta tecnologia às suas questões. Por exemplo, é um processo adaptativo a ressignificação do termo dólar. Existe um discurso “dólares” do mensalão noticiado no suporte televisão. Apropriando-se dele, os alunos passam a compor a própria discursividade, trazendo-o às suas interações. O aluno reassimila o sentido do termo, utilizando-o em sua construção de conhecimento e realidade de mundo nas interações na escola.

Há uma relação entre os papéis e o conhecimento, considerando as perspectivas da ordem institucional.

“Os papéis aparecem como representações institucionais e mediações de conjuntos de conhecimento institucionalmente objetivados. Visto na perspectiva de vários papéis, cada um destes transporta consigo um apêndice socialmente definido de conhecimentos. (BERGER E LUCKMANN, 1998, p. 109)”.



Se a construção da realidade se consolida nas conversas com os demais, partilhando os sentidos, os papéis sociais vão sendo criados também nessas interações, relacionados à posição e disposição, tomadas pelo indivíduo diante do seu interlocutor na situação. Neste mesmo ambiente de interações e não somente a partir da autoridade e violência pedagógicas como pode sugerir Bourdieu em “A reprodução”. Nas salas de aula, esta reassimilação com a tecnologia, e a linguagem ou mesmo a interação, entre os alunos e professores, observa-se a confusão de papéis.

“Poderíamos considerar que o atual período de mediatização envolve sempre um certo grau de experimentação de papéis, no caminho de institucionalizações, algumas das quais certamente já bem estabelecidas, mas ainda com insuficiente elaboração e distinção (...) Na mediatização, o processo experimental ainda não gerou estabilidade suficiente de papéis para que a sociedade possa situá-los com clareza. (BRAGA, 2006, p.13)”.

Não que necessariamente novos papéis vão surgir, mas novidades nos conceitos desses papéis podem ser buscadas no que se refere ao professor e ao aluno. Os estudantes agora estão em diferentes interações e, por isso, diferenciadas ações. Se antes o professor era pensado e praticado enquanto um educador da escola, e por assim dizer, o papel de professor era percebido ou concretizado por uma certa imposição de saberes, o lugar do professor era um patamar em que não se permitia discussões ou debates com os alunos em seu conhecimento, sendo ele o dono do saber e por isso quem ensina e quem aprende estão em posições distantes, este papel com as características de centralização sofre alterações assim como o papel do aluno, que vai para a escolar na condição de aprendiz que terá seu conhecimento preenchido pelo professor, sobre alterações em um processo de transição da contemporaneidade, ou por assim dizer, o processo da mediatização que ainda tem as lacunas das definições dos papéis diante de uma sociedade onde o papel do professor pode mesmo ser exercido por um aluno. Quando por exemplo, o aluno torna-se o professor ensinando ao educador de sua classe as bases da informática ou algum conhecimento adquirido com um programa televisivo ou uma leitura no impresso.

Os professores, para iniciar o desenvolvimento de suas aulas nas salas de informática, sempre passam por treinamentos e oficinas, enquanto os alunos passam as noites e madrugadas já entendendo de computadores, programas, processos de



navegação, de linguagem etc. Os alunos e professores trocam seus papéis: o professor é aluno e o aluno é professor. Os alunos não representam mais aquela recepção da informação esperada da autoridade pedagógica ou uma violência simbólica. Os papéis que se transformam junto com a transformação da sociedade. Podem também sinalizar mais uma das negociações que estão sendo feitas entre o campo da comunicação e da educação, nesse processo de mediação.

Esses novos elementos na atuação dos papéis e a reassimilação nos remetem ao texto do professor Braga sobre mediação, quando ele levanta a incompletude dos papéis sociais. Pensar a elasticidade dos papéis e novos elementos, como a negociação, permite-nos “ver” uma transformação na sociedade, a demanda tecnológica assim como novas interações entre aluno-aluno, aluno-professor e aluno-máquina. Há, para além da reprodução, a produção e a recriação de crenças que constroem conhecimento e realidade por parte do aluno, alterando, assim, a reprodução simbólica de que fala Bourdieu.

1.4. Conclusões

Não significa afirmar, de forma inegável ou sem brechas, que haja uma autoridade de imposição e violência simbólica. Não significa que não tenha se perdido um papel do professor e da autoridade pedagógica e, agora, pode até mesmo haver a anarquia sem as lideranças da instituição. Não é isso, mas sim afirmar que é possível repensar novos elementos nos papéis desempenhados contemporaneamente, pois quando o aluno é o sujeito que inicia a interação e configuração do dispositivo midiático, no qual pode haver recusa do professor, e “brecar” a funcionalidade do dispositivo; assim como pode haver negociação e gerar conhecimento e realidade.

Os alunos, quando se apropriam, constroem conhecimento de mundo e comportamento, como nos casos das expressões incorporadas ao vocabulário, os modelos de roupas e cortes de cabelos, e as ressignificações sobre anorexia, Aids e dólar. O perfil da escola no Orkut tem um intuito de socialização entre os alunos e diversão, na medida em que contam piadas, conversam e falam dos outros colegas.



As atividades que parecem estimular as competências do “fazer” comunicação estão sempre sendo elaboradas e trazidas pelos professores, como a radionovela, as charges, o jornal, ou voluntários da escola, como o caso da jornalista voluntária, que produz o Jornal do Gomes.

Ao identificar os diversos momentos em que há apropriação pelo aluno de um dispositivo da mídia, mas não há pelo professor; ele entra, mas de repente desaparece. Fica no ar com um fim de uma conversa, que, aparentemente, terminou ali. O dispositivo foi configurado nas interações e apropriações dos alunos, porém, em um processo de recusa, ele pode desaparecer do espaço, como as não apropriações, por parte dos professores, das referências trazidas pelos alunos de noticiários ou programas de humor, como as notícias de esporte, a “Família Dinossauro”, ou a Rádio Cidadania.

Além da recusa, há a negociação. Quando negociado com algum representante da instituição, como o professor ou a direção, ele pode ser apropriado e ainda se materializar no espaço da escola gerando um novo produto, como o caso do Jornal do Gomes, que passa pela aprovação da direção escolar, assim como inclusive de forças extra-escolares, pelos patrocinadores.

As negociações são feitas quando o dispositivo já circula. Houve a apropriação em algum momento, que pode ser interrompida, ou manter a circulação da interação, apropriação e materialização no espaço. No entanto, precisa da *liberação* da instituição, como uma aprovação, no caso do Jornal do Gomes. Ou ainda, quando a professora até interage com os alunos sobre as conversas diversas na sala, mas não materializa em novos produtos, atendendo à apropriação do tema e interação com eles.

Se o professor recusa, o aluno precisa submeter-se à sua autoridade pedagógica de professor, concedida pela escola, tal como apresentada por Bourdieu em “A Reprodução”. No entanto, não significa dizer que essa submissão se mantenha na reprodução só do que o professor apresenta ou busca produzir e reproduzir, pois os alunos também são atores protagonistas em algumas relações estabelecidas com os dispositivos, como o caso em que eles trazem o assunto para a sala de aula e o professor interage, ou ainda quando eles constroem o perfil do colégio na internet.



Então, é preciso a interação para haver o estabelecimento de uma relação de força da autoridade pedagógica do professor sobre os seus alunos. Uma interação que nos tempos atuais tem sofrido alterações em sua organização. O aluno é sujeito articulador e produtor de sentido, não unicamente reprodutor. Além disso, em alguns aspectos tecnológicos, o próprio professor perde o caráter da autoridade pedagógica pela diferenciação de conhecimentos adquiridos, uma vez que não acompanha a mesma maneira que os adolescentes os avanços da tecnologia da informação. E com isso, os alunos compreendem um suporte tecnológico que, ainda que não seja por si só construtor de conhecimento, é uma dimensão para articular consciência crítica, conhecimento de mundo e comportamento.

Referências bibliográficas

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinción: criterios y bases sociales del gusto**. 2.ed. Madrid: Taurus, 2000.

_____. **Meditações Pascalinas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

BRAGA, José Luiz. **Mediatização como processo interacional de referência**. In: ENCONTRO NACIONAL DA COMPOS, 15, São Paulo, jun. 2006.

_____. Aprendizagem versus educação na sociedade mediatizada. **Geraes** – Estudos em Comunicação e Sociabilidade, Minas Gerais, n.53, p. 26-39, 2002.

_____. Mais que interativo, agonístico. In: André Lemos; Juremir Machado da Silva; Simone Pereira de Sá; Ângela Pryston. (Org.) **Mídia.br**. 1 ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004b, p. 62 – 79.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

CORREIA, João. **Novos Caminhos sociais e transformações no modelo de análise dos medias**. Universidade de Beira do Interior, s.d.



FAUSTO NETO, Antonio. A pesquisa vista de dentro de casa. In: **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Compós/Sulina, 2002. p. 21-35.

FERREIRA, Jairo. Da Comunicação aos campos e dispositivos midiáticos. In: **Unirevista**, São Leopoldo. v. 1 n. 3. 2006a.

_____. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. In: **Revista Libero**. São Paulo: Faculdade Casper Líbero. Ano IX, número 17, junho de 2006b.

GOFFMAN, Erving. Footing. In: **Sociolinguística Interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998.

GOMES, Pedro Gilberto; COGO, Denise Maria. **O Adolescente e a Televisão**. Porto Alegre: Editora da Unisinos, 1998.

SOARES, Ismar. **Sociedade da informação ou da comunicação?** São Paulo: Cidade Nova, 1996.